

16 NOV 1989

El Salvador e o risco do ódio ESTADO DE SÃO PAULO

O espetáculo sangrento dos combates entre a guerrilha salvadorenha e o Exército desse país transfere para a América Central — e, por extensão, para a América Latina — o radicalismo e a polarização ideológica de que o resto do mundo está se livrando, com a queda do Muro de Berlim como símbolo.

É importante ter presente que isso ocorre tão perto da fronteira norte-americana, e que sublinha, também de forma tão crua, a disparidade entre as realidades sócio-políticas dos Estados Unidos e de seus vizinhos ao sul do Rio Grande. Radicalismo, ajuda ineficiente e má aplicação de recursos somaram-se em El Salvador para acrescentar à região mais uma crise explosiva, além das que afligem o Panamá e a Nicarágua.

A que se deve esse cenário perturbador na América Central, no exato momento em que a Organização dos Estados Americanos incorpora o Canadá como novo sócio, sinalizando para uma nova era de expansão de mercados e integração de interesses, em lugar

da ocupação pelas armas ou o recurso ao *big stick*? Visto isoladamente, o caso de El Salvador sem dúvida nenhuma agravou-se com a radicalização política ocorrida com a vitória da Aliança Renovadora Nacionalista (Arena) do sr. Alfredo Cristiani, nas eleições de março deste ano, realizadas em meio a uma onda de violência que deixou pelo menos 38 mortos e 42 feridos.

Cristiani obteve mais da metade dos votos, derrotando o democrata cristão Fidel Chavez Mena, segundo colocado. Na época, a diplomacia norte-americana não considerou o fato uma derrota política, ainda quando, desde 1984, viesse apoiando o democrata cristão José Napoleón Duarte no governo. Chavez Mena era capaz de dialogar com a esquerda através de conferências na UCA, a universidade católica acusada de presença "vermelha" porque incorpora entre os jesuítas de seus quadros um bom número de partidários da Teologia da Libertação.

Se Chavez Mena seria, ou não, capaz de abrir um diálogo em me-

lhor nível com a Frente Farabundo Martí de Libertação Nacional — FMLN — é uma questão a que só os salvadorenhos saberão responder. Colocado no contexto regional, El Salvador é um pequeno barril de pólvora, porque interessa diretamente aos sandinistas da Nicarágua e ao radicalismo ideológico cubano, que não professa nem a *glasnost* nem a *perestroika* soviética, e pode se sentir, portanto, de mãos livres para continuar armando os movimentos guerrilheiros nas vizinhanças. As tentativas para solucionar pacificamente os problemas regionais têm falhado sistematicamente. Não faltam planos e acordos de paz, a começar pelo Plano Arias, os acordos de Esquipulas, o Plano da Guatemala de agosto de 1987, assinado por cinco chefes de Estado, e, mais recentemente, o da Costa del Sol, onde se pedia o desarmamento dos *contra* e fixavam bases para eleições na Nicarágua em fevereiro de 1990.

O colapso nas negociações entre o governo Cristiani e a FMLN foi atribuído pela guerrilha à não aceitação de condições prévias,

entre as quais se incluía um expurgo nas fileiras militares, que o Exército considerou humilhante. Esse é um quadro que se repete, com algumas variantes, em outros países onde a situação política resvalou para a confrontação ideológica, que leva ao colapso da capacidade para produzir soluções negociadas. Vale acrescentar que neste exato momento o problema entre a Nicarágua e os *contra* é o mesmo, com os sandinistas suspendendo o cessar-fogo e impondo condições para reintegração da oposição no país enquanto se preparam as eleições.

A quem interessa uma América Central efervescente, com seus problemas caminhando para a solução pelas armas? A verdade é que o quadro de distensão no mundo ainda não atingiu todas as suas extremidades sensíveis, e um bom número de movimentos alimentados a combustível ideológico continua apostando na violência e no radicalismo para prevalecer. Já é tempo de se arquivar a política do ódio, da mesma maneira que qualquer tentativa de fazer a região voltar ao ominoso passado do *big stick*.